



Comunicação e trabalho: mídias, consumo e cidadania¹

Coordenação: Mesa I - Profa. Dra. Roseli Figaro - ECA-USP

Mesa II – Profa Dra. Maria Aparecida Baccega - ESPM

Participantes:

Mesa 1 - Profa. Dra. Roseli Figaro² – docente na ECA-USP

Cláudia do Carmo Nonato Lima³ – mestranda na ECA-USP

José Muniz Jr.⁴ – mestrando na ECA/USP

Mesa 2 – Profa. Dra. Maria Aparecida Baccega⁵ – ESPM

Prof. Dr. Vander Casaqui⁶ – docente na ESPM/SP

Janaina Visibeli⁷ – mestranda na ECA/USP

Resumo

Os palestrantes discutem a relação entre comunicação e trabalho na perspectiva de tensionar ambos os conceitos e compreendê-los como fundantes à atividade humana de produção de sentidos, de construção da subjetividade e na gestão de si por si mesmo e de si por outros. A partir dessa perspectiva, propõem-se a analisar a produção/recepção/consumo dos produtos culturais, bem como as relações de comunicação no mundo do trabalho. A análise do mundo do trabalho dos comunicadores, dos produtos culturais, das culturas do consumo, bem como das políticas de comunicação e cultura das organizações formam o leque de preocupações do grupo de pesquisadores que desenvolvem investigações em conjunto, tendo como guarda-chuva o binômio comunicação e trabalho.

¹Mesa apresentada no III Colóquio Multitemáticos em Comunicação - Multicom, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora doutora na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – pesquisadora do Grupo de Pesquisa Miroel Silveira e coordenadora do Grupo de Pesquisa Comunicação e Trabalho. Autora de Comunicação e Trabalho (2001) e de Relações da Comunicação no mundo do trabalho (2008).

³ Mestranda do programa de pós-graduação em Ciências da Comunicação na ECA-USP, especialista em Gestão da Comunicação.

⁴ Mestrando do programa de pós-graduação em Ciências da Comunicação na ECA-USP.

⁵ Professora livre docente pela Escola de Comunicação e Artes da USP; Docente pesquisadora do Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo na ESPM-SP. Autora, entre outros, de Palavra e Discurso; e Comunicação e Linguagem – Discursos e Ciência.

⁶ Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP; docente e pesquisador do Programa de Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM-SP.

⁷ Me Mestranda do programa de pós-graduação em Ciências da Comunicação na ECA-USP, especialista em Gestão ambiental.



Palavras-chave

comunicação, trabalho, produção de sentido, recepção, consumo

Proposta da Mesa

O homem é o produto das relações entre a coletividade da espécie e do meio natureza. Ele resulta do processo da ontogênese e da filogênese, ou seja, do percurso histórico de longa duração; e do percurso histórico do indivíduo no período de sua existência. A Antropologia, a História, a Geografia, a Física e a Biologia buscam demonstrar como a vida humana apareceu na Terra e como as transformações pelas quais os homens passaram no domínio da comunidade humana foram demandadas pela necessidade de vencer a adversidade do meio.

O corpo do homem não pode ser dissociado de seu cérebro, assim como sua maneira de expressão não pode ser dissociada de sua atividade de sobrevivência. A mão e o cérebro são conquistas da atividade. Podemos dizer que o corpo humano é uma construção físico/biológica tão quanto social e psicológica. De Darwin⁸, passando por Marx⁹, por Vygotsky¹⁰, Leontiev¹¹ e Leroi-Gourhan¹², todos salientam a atividade humana como aquela responsável pela experiência e pelo desenvolvimento da técnica e do domínio do homem sobre o meio.

A linguagem é parte fundamental desse processo. A criação da realidade humana é fruto da atividade do homem sobre o meio no qual vive. A realidade comporta um meio dominado e conhecido pelo homem, fruto de sua experiência e criação (as máquinas, por exemplo). E comporta o meio não-humano, tudo aquilo que lhe é externo e diferente, que não depende da ação e do conhecimento humanos para existir, por exemplo, a flora, a fauna, a floresta, o mar, o ar. Da relação do homem com estas duas esferas do real nasce a representação, o signo, a comunicação. A mão também é responsável por essa capacidade de comunicação. Não só por ter emancipado a boca e o aparelho fonador, mas por ser meio e instrumento da ação e da expressão humanas.

A atividade humana pela sobrevivência é a manifestação genuína do trabalho. O conceito de trabalho aparece como tema de estudo a partir dos economistas clássicos

⁸ Darwin, Charles. A origem das espécies. (1859). São Paulo: Martin Claret, 2004.

⁹ Marx, Karl. Manuscritos econômicos-filosóficos. Portugal: Edições 70, 1993.

¹⁰ Vygotsky, Lev Semenovich. Pensamento e Linguagem. (1934). 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

¹¹ Leontiev, Aléxis. O desenvolvimento do psiquismo. (1947). 2.ed. São Paulo: Centauro, 2004.

¹² Leroi-Gourhan, André. Le geste et la parole. La mémoire et les rythmes. Paris : Albin Michel, 1965.



Adam Smith¹³ e David Ricardo¹⁴. Para eles, que buscavam entender as novas relações de produção que se desenvolviam, o trabalho é o produtor de excedentes, de mercadorias, de valores. Trabalho é relação hierarquizada entre os detentores dos meios de produção e os que possuem apenas o próprio corpo. Trabalho é vínculo, mercadoria vendida em troca de salário. O trabalho, nesta acepção, é um conceito específico para se entender a origem do capital; para se entender a natureza das relações entre as diferentes classes sociais e o poder.

O trabalho, como atividade humana, é um conceito mais amplo. Para Marx (1969), o processo de trabalho, ou seja, a atividade que tem por alvo a produção de valores de uso é a condição geral das trocas materiais entre o homem e a natureza, uma necessidade física da vida humana, independente de todas suas formas sociais ou comum a todas elas. Sendo assim, a atividade humana está no cerne de todas as formas de trabalho. Toda atividade de trabalho engloba ideação, criação, concepção, planejamento, enfim todo o nome que se queira dar à materialidade intelectual de concepção e planejamento para realização de algo. Tais características pertencem também ao trabalho braçal. Mesmo o trabalhador que não controla todo o processo de planejamento da produção de um produto realiza um trabalho intelectual. Seu cérebro está voltado a conceber, planejar e operar da melhor maneira possível, da maneira mais econômica um corpo técnico, um corpo ferramenta capaz de transformar em realidade o que estava como possibilidade.

A atividade humana é particular e dota o homem de um psiquismo específico, caracterizado por propriedades diferentes. A passagem à consciência humana está fundada na passagem às formas humanas de vida e de atividade de trabalho. Para Léontiev

“No mundo animal, as leis gerais que governam as leis do desenvolvimento psíquico são aquelas da evolução biológica; quando se chega ao homem, o psiquismo é submetido às leis do desenvolvimento sócio-histórico.”(1976:55)

Para o autor, a aparição do trabalho é intrínseca à condição da existência do próprio homem. A atividade humana é particular e específica, caracterizando a capacidade humana de criar, planejar, aprender, memorizar.

¹³ Smith, Adam. A riqueza das nações (1776). 2.ed. São Paulo: Nova cultural, 1985.

¹⁴ Ricardo, David. Princípios da economia política e tributação. (1817). 2.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1986.

Essa dimensão de atividade de trabalho impede a redução do conceito trabalho apenas a *emprego assalariado*, vínculo empregatício, mercadoria paga por salário. Deve-se tirar dele a complexidade inerente, Schwartz propõe que:

“Tratando do valor trabalho (...), arrisca-se a todas as derivações se se esquece que ele não é uma realidade simples, historicamente datada, susceptível de caracterização unilateral. Se o trabalho for identificado, sem nuances, a um *emprego*, se fará do valor trabalho o fato de se ter um lugar num conjunto de *lugares* o que definiria uma sociedade. Esta definição puramente exterior valoriza a *integração* a tal sociedade e faz a preço baixo os conteúdos e os processos de toda a atividade humana, assalariada ou não. Por isso, entre uma ação humana qualquer – trabalho autônomo, trabalho doméstico, atividade lúdica, esportiva – e um trabalho economicamente qualificado, não há descontinuidade absoluta: todos os dois são comensuráveis a uma experiência, aquela de uma negociação problemática entre as normas antecedentes e as normas dos sujeitos singulares, sempre a redefinir aqui e agora.(...)”(2000:306)

Nessa acepção, trabalho é atividade humana que comporta uma herança cultural e história das técnicas, da experiência das gerações passadas e da experiência pessoal, o que permite ao homem uma transcendência criativa.

Os estudos ergonômicos já demonstraram a distância (lacuna) entre trabalho prescrito e trabalho real (Wisner,1995). Esta distância, é o dado inusitado do trabalho, é fruto da *gestão* própria de *si mesmo*, do ser humano que trabalha, resolvendo os confrontos impertinentes à situação real de trabalho. Essa distância é a prova da particularidade da atividade humana de trabalho. Nas palavras de Perrier:

“É na distância (lacuna) entre prescrito/real do trabalho que os ergonomistas observaram um processo universal de gestão do aleatório, do incidental: a atividade em geral. Sua forma poderia ser concebida como *trabalho* no sentido de uma *tensão* para ajustar permanentemente os constrangimentos prescritos antecipadamente (normas, obrigações, objetivos) aos recursos reais disponíveis (meios, reservas subjetivas, escolhas, valores) assim como às situações encontradas.”(1997:116)

Entre eles há a atividade de um *corpo si* (sujeito) – corpo físico, biológico, técnico, histórico, psíquico, social – que é único e que realiza, a seu próprio modo, o trabalho prescrito, inserindo pequenas, minúsculas particularidades, que transformam a norma em realidade, norma renormalizada pela atividade de um *corpo si* que faz a gestão de *si mesmo* e permite que outros também o façam (Schwartz, 2000).

Existe diferença entre a tarefa de planejamento e controle, daquela tarefa de intervenção do corpo sobre um meio, matéria a ser transformada. É a clássica divisão na economia política do trabalho para a criação de mais valia. Ambos mobilizam ideação e



ação - cérebro e mão. São trabalhos diferentes e criam culturas e sensibilidades diferenciadas. Mas ambas as atividades intelectual e braçal fazem parte de todo tipo de trabalho, mesmo o mais grosseiro.

Na organização taylorizada, vertical e unidirecional, o trabalho era uma tarefa sempre parcial, realizada por um conjunto de pessoas, cuja divisão de tarefas não permitia dominar o todo do processo. Imaginava-se com isso, que o sujeito trabalhador era um mero executor de ordens prescritas por um outro, este sim responsável pela elaboração e criação do produto final.

É do taylorismo ou do período da chamada Organização Científica do Trabalho, a pressuposição de que o homem que maneja a mão não pensa, não usa sua capacidade criativa para a realização da tarefa planejada e controlada por outros. Essa concepção é herdeira dos períodos escravocratas, desde a Grécia antiga. Esse ponto de vista tem o homem por autômato. Embutida à finalidade da organização científica do trabalho estava a pretensão de impedir a presença da vontade do sujeito na execução da tarefa; impedir a manifestação da singularidade, impedir o pensamento. No entanto, toda a atividade de trabalho pressupõe experiência, conhecimento herdado, registrado em normas e procedimentos.

A técnica é a materialização dessa experiência por meio de atos precisos e/ou meios e instrumentos técnicos que cristalizam a experiência e o conhecimento das gerações passadas. Como tal, toda a norma é renormalizada (Schwartz, 2000) no ato de sua aplicação. É o sujeito em atividade sempre específica e particular que recria a norma, a revalida; dá-lhe vida no ato mesmo de sua aplicação. O ser corpo e psique, o ser cultura e história é que torna possível a existência da norma. Sem o corpo-si em atividade, a norma, o plano, o projeto é regra morta. Essa é a prova da intelectualidade do Ser em atividade.

A mão e o cérebro estão juntos mesmo quando a ação é automática, ato impensado, não racional. Essas atividades fazem parte da experiência vivida, conhecimento tácito. O corpo, de gestos e comandos precisos e certos, resulta do percurso e da história do Ser humano, de sua experiência e conhecimento.

Nas últimas décadas, a aceleração do movimento de globalização, a compressão tempo/espço, permitida pelas novas tecnologias de transmissão, registro e operação de dados, trouxe uma nova revolução na atividade de trabalho. O conhecimento adquirido por certos tipos de profissão foi cristalizado em processos, procedimentos,



equipamentos, ferramentas e programas computacionais que dispensaram a mão e o cérebro humanos na execução do ofício. (Para Marx esta é a definição de trabalho morto). Atividades cada vez mais precisas e sofisticadas podem ser realizadas por máquinas sob a supervisão humana. (Vejam-se as discussões sobre a elevada automatização dos AirBus e a polêmica sobre a competência da máquina e do piloto). Tanto a ideação/planejamento dessas técnicas e tecnologias quanto a operacionalização e o controle delas exigem novos conhecimentos, sensibilidades, operacionalidades do corpo: da mão, do olho, da coluna, etc. Leva-nos a perceber certas dimensões de tempo e espaço que antes não eram percebidas. Por exemplo, nossa relação com o tempo mudou. É comum termos noção dos segundos para a realização de uma tarefa. Perderemos conhecimentos e ganharemos outros. Não se trata de uma escala entre o bom e o mau, nem do menos desenvolvido para o mais desenvolvido, nem evolucionismo. Trata-se de mudanças, de alterações, de outros rumos, traçados no cotidiano de nossas escolhas em nossa atividade de trabalho, e submetidas às regras do capital.

As transformações ocorridas no mundo nas últimas duas décadas são exemplos das escolhas que temos feito sobre os rumos da sociedade. O desenvolvimento tecnológico, embora orientado para o acúmulo de riquezas nas mãos de alguns poucos conglomerados, difundiu-se no cotidiano na forma de produtos e serviços cada vez mais presentes na vida do cidadão comum, sobretudo na forma de aparatos mediadores das relações sociais, seja, por exemplo, como serviços médicos, em prol da saúde, seja em serviços de entretenimento e/ou orientados pela lógica do consumismo.

No mundo do trabalho dos comunicadores, no setor econômico da comunicação, tais inovações são constantes e redundam em transformações de atitudes e procedimentos na produção e veiculação dos produtos culturais. Pode-se citar como exemplo o borrar de fronteiras entre as diferentes profissões da área, e em decorrência dos gêneros de discursos pertinentes aos formatos do jornalismo, das relações públicas e da publicidade propaganda.

A inovação tecnológica permitiu a reestruturação dos processos de produção na imprensa escrita, na televisão, no rádio, no cinema. A internet consolidou-se como a rede virtual, lugar para onde convergem as diferentes plataformas comunicacionais. Essa convergência potencializa inclusive os veículos da telecomunicação a tornarem-se veículos de informação e entretenimento. Proporciona também a reordenação das



plataformas discursivas do jornalismo, da ficção, da publicidade, e ainda dos discursos da comunicação no ambiente das relações corporativas.

É neste sentido que temos destacado a importância de se repensar os conceitos de comunicação e de trabalho, tendo como fundamento de ambos a atividade humana. Defendemos que essa perspectiva se faz necessária devido à inter-relação dos papéis de produtor/receptor dos envolvidos profissionalmente com os produtos culturais e mesmo o de todos os demais cidadãos.

Problematizar o binômio comunicação e trabalho dá nova dimensão para o fato de que, como cidadãos, somos todos produtores/receptores dos produtos culturais, ainda mais hoje, com as possibilidades tecnológicas que permitem a qualquer receptor passar a *repórter*, a qualquer jovem de produzir seu audiovisual, a qualquer trabalhador de pertencer a diferentes comunidades e relacionar-se com pessoas de todo o mundo. Somos produtores/receptores e podemos ser também proprietários dos meios de produção que nos permitem tal alcance de relacionamentos. No entanto, paradoxalmente, cresce o poder das corporações, centralizando não mais o produto, a máquina, mas sim o conhecimento científico e cobrando caro por ele, além de passar a deter o controle dos registros e dos fluxos de informação. Tais corporações são o pan-óptico para o controle social. O poder do capital apurou-se. Atua com a pretensão de controlar o âmago da atividade de trabalho e de comunicação. As políticas de comunicação para a gestão de pessoas são a prova cabal dessa estratégia. Foram estruturadas principalmente a partir da lógica filosófica do chamado método japonês, por meio do kaizen, kanban, just in time, além de outras inovações nessa área.

Nesta perspectiva, propomo-nos a analisar os diferentes fatos de comunicação a partir da problematização deles, tendo por base o conceito de trabalho como atividade humana, seja para confrontar essa nossa perspectiva com aquela enunciada pelos produtos culturais escolhidos para estudo; seja para entender o borrar de fronteiras entre as profissões do campo da comunicação e, em decorrência, de seus discursos; seja, finalmente, para buscar compreender as formas de controle pretendidas pelo capital por meio da mercantilização de todas as relações sociais. Para tanto, propomo-nos a apresentar as reflexões originadas de pesquisas empíricas em andamento, compondo, a partir dessa mesma perspectiva teórica, duas mesas de apresentação de trabalhos.

A primeira, coordenada pela Profa. Dra. Roseli Fígaro (ECA-USP), propõe a reflexão sobre:



a) A partir da perspectiva da atividade de comunicação e de trabalho, propõem-se a analisar a produção/recepção dos produtos culturais, bem como as relações de comunicação no mundo do trabalho, a ser apresentada pela Profa. Dra. Roseli Fgiaro;

b) as práticas da edição de textos de comunicação por seus respectivos profissionais. Tratamo-las como práticas discursivas que envolvem relações de linguagem, trabalho e poder, a ser apresentada pelo mestrando José Muniz Jr.;

c) os desafios vividos pelos jornalistas no exercício de sua profissão. Precarização, longas jornadas, transformação do perfil do profissional, apresentada pela mestranda Cláudia do Carmo Nonato Lima;

A segunda mesa será coordenada pela Profa. Dra. Maria Aparecida Baccega (ESPM- ECA/USP), e propõe-se a refletir sobre:

a) as culturas do consumo, destacando como a produção de sentidos passa pela lógica do mercado, do descartável, do fluxo e da fluidez dos interesses e relacionamentos, a fala será da Profa. Dra. Maria Aparecida Baccega;

b) o estudo do discurso das narrativas midiáticas, preferencialmente de telenovelas e publicidades, e como dialogam com as problemáticas do mundo do trabalho, apresentado pelo Prof. Dr. Vander Casalli;

c) a relação entre empresa e comunidade, a partir das contradições de interesses inerentes ao mundo do trabalho, apresentadas pelo ponto de vista da comunidade quando esta discute as práticas de responsabilidade sócio-ambiental, discutida por Janaina Visibeli.

TÍTULOS E RESUMOS DOS PARTICIPANTES DA MESA

MESA 1 – Coordenação Profa. Dra. Roseli Figaro (ECA-USP)

a)- As possibilidades de abordagens das pesquisas em Comunicação a partir da proposta teórica da Atividade (ergologia)

Profa. Dra. Roseli Figaro - docente na ECA-USP

Apresenta-se a abordagem do campo da comunicação a partir da perspectiva teórica da atividade de comunicação e de trabalho, para qual se constrói um referencial que busca



seus elementos de análise em Marx, Vygotski, Leontiev, Sachaff, Bakhtin, entre outros; e na filosofia de Canguilhem e Yves Schwartz. A partir dessa perspectiva, propõem-se a analisar a produção/recepção dos produtos culturais, bem como as relações de comunicação no mundo do trabalho.

b) Edição de texto de comunicação: linguagem, trabalho e poder

José Muniz Jr. Mestrando ECA-USP

Mestrando do programa de Pós-graduação em Comunicação na ECA-USP.

As práticas de intervenção textual (edição, revisão, preparação, copidesque etc.) assumem diversas configurações na comunicação jornalística e editorial. Apesar de sua importância, esse tipo de atividade tem recebido pouca atenção no âmbito da pesquisa acadêmica. O ato de lidar profissionalmente com o texto do outro exige pôr em suspenso as noções de autoria, edição, e a própria noção de texto. Então, mobilizamos as referências da Teoria do Discurso e da Ergologia, de modo a perceber o fenômeno tanto como atividade linguageira quanto como atividade industrial. Levaremos em conta também as transformações recentes nas empresas de comunicação, especialmente a formação de oligopólios e a reestruturação produtiva. O objetivo é compreender as relações de poder e os efeitos na subjetividade intrínsecos a esse trabalho na contemporaneidade.

c)- Muito Além das redações – O novo lugar do jornalista no mundo do trabalho

Cláudia do Carmo Nonato Lima – mestranda na ECA-USP

O século XX foi um período de grandes mudanças no mundo do trabalho do jornalista, decorrentes das transformações havidas nas empresas de comunicação a partir das novas tecnologias, fusão de mídias, reorganização dos métodos e processos de trabalho e da supervalorização da informação na sociedade de consumo. Essas mudanças criaram novas práticas, influenciando profundamente os profissionais de comunicação e sua maneira de se comunicar.

O jornalista é hoje um profissional polivalente e imprescindível em todas as áreas. Seu trabalho é o de reportar o fato, tornando-o notícia, reorganizando, a partir de uma determinada ótica, a balbúrdia do cotidiano. O discurso jornalístico, como um



produto cultural identificado com o tempo presente, passa por significativas mudanças: hoje é um produto cultural bastante diferenciado, cuja marca da interdiscursividade revela-nos a presença do discurso publicitário.

Com tantas mudanças ocorridas em um período relativamente recente da nossa história, é importante que saibamos como o profissional está vivenciando todas essas transformações. Os meios de produção, as funções, o local de trabalho e o texto do jornalista mudaram. Nossa pesquisa pretende contribuir para a reflexão sobre o novo papel do jornalista e do jornalismo na sociedade contemporânea e no mundo do trabalho.

MESA 2 – Coordenadora Profa. Dra. Maria Aparecida Baccega (ESPM-ECA/USP)

a) Comunicação e trabalho: tempo de culturas do consumo

Maria Aparecida Baccega - Mestrado da ESPM; Livre Docente na ECA-USP

Na contemporaneidade, o território passa a virtual, espaço e tempo têm novos significados; vivencia-se a identidade de pertencimento nos novos modos de estar junto, dialoga-se com máquinas e marcam-se encontros no ciberespaço. Esse novo *sensorium* manifesta-se na fluidez, no desenraizamento, na vida líquida, costurados pela mídia. A velocidade no lugar da duração e a mercadorização do simbólico transmutam a realidade em objetos de consumo. O processo produção–distribuição–consumo é atingido diretamente e, nele, a questão do trabalho. Produtos rapidamente consumidos dão lugar a outros que os sucederão. São outras as exigências para o mercado de trabalho: ele também foi tomado pela fluidez. Descarta-se o trabalhador como se descartam as mercadorias que o novo cenário cria e substitui. A importância do trabalho parece ficar adstrita à acumulação flexível do capital, que eliminou o estoque trabalhando *just in time*. Reconfigura-se o que é ser consumidor. O consumo não se esgota no ato da compra, ponto de chegada e de partida de longo processo que revela um conjunto de comportamentos com os quais o sujeito consumidor recolhe, amplia e ressignifica as mudanças culturais da sociedade em seu conjunto. Construindo identidades, a linguagem do consumo e do consumidor tornou-se um dos desafios do campo comunicação e trabalho, de onde ela emerge, que começamos a enfrentar neste Grupo de Pesquisa.



b) Representações sociais do trabalho na publicidade e na telenovela: significações e diálogos

Vander Casaqui - docente e pesquisador na ESPM-SP.

A presente discussão aborda as estratégias das narrativas midiáticas que fazem referência ao mundo do trabalho, no que tange à sua produção de significados sociais colocados em circulação como mercadorias culturais. As representações midiáticas do mundo do trabalho, especialmente analisadas na sua presença na telenovela *Dois caras* (TV Globo – 2008) e na publicidade veiculada em seus intervalos comerciais, constituiriam um discurso hegemônico consensual, em que os sentidos convergem para uma significação ideológica complementar, ou as formas simbólicas presentes na mídia constituem polêmicas discursivas? Quais os sentidos destas estratégias de apropriação do mundo do trabalho como cenário discursivo e como traço identitário de personagens? Estas são algumas das questões que norteiam nosso olhar para o objeto midiático, a partir do quadro teórico sobre a temática do trabalho – através de autores como Marx, Weber, Ricardo Antunes, Sennett, Hardt e Negri – e na análise empírica fundamentada na metodologia da Análise do Discurso de linha francesa e em conceitos originários da teoria da linguagem de Mikhail Bakhtin.

c) Responsabilidade sócio-ambiental, empoderamento de quem?

Janaína Visibeli - Mestranda na ECA-USP

A questão ambiental entrou para a agenda social por meio da ação de organizações da sociedade civil, das políticas públicas, das práticas comunicativas das grandes corporações midiáticas e da atuação das empresas que passaram a desenvolver ações de ajustamento de conduta e utilização da bandeira ambiental para fortalecimento de marcas. Neste artigo, interessa-nos por meio de uma reflexão teórica discutir o papel social do comunicador no desenvolvimento de ações de responsabilidade sócio-ambiental e discutir o paradoxo discursivo das organizações privadas – principalmente das grandes corporações de complexo processo produtivo, que geram maior impacto ambiental negativo mas possuem as melhores condições de controlá-lo –, que por um lado colaboram para problematizar a questão ambiental e disseminar novos hábitos ecologicamente corretos, por meio de várias ações de comunicação interna e externa de responsabilidade sócio-ambiental; mas por outro lado, reforçam uma lógica de mundo e a manutenção do *status quo* que esvazia a bandeira ambiental em função dos interesses comerciais que ultrapassam a ligação da empresa com os locais em que ela atua.



Bibliografia:

- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 3. ed. São Paulo: Cortez/Edunicamp, 1995.
- _____. **Os sentidos do trabalho.** Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 6.ed. São Paulo: Boitempo, 2001.
- ARAGÃO, Lucia Maria de Carvalho. **Razão comunicativa e teoria social crítica em J. Habermas.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.
- BACCEGA, Maria A. **Palavra e discurso.** História e literatura. São Paulo: Ática, 1995b.
- _____. **Comunicação e linguagem.** Discursos e ciência. São Paulo: Moderna, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem.** São Paulo: Hucitec, 1988.
- BARBOSA, Miriam. A. **Comunicação no mercado de consumo transnacional.** São Paulo: AnnaBlume, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização.** As conseqüências humanas. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999.
- BENJAMIM, Walter. **Obras escolhidas.** Magia e técnica, arte e política. v. I. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso.** Campinas: Unicamp, 1991.
- BRESCIANI, Luís Paulo. *Flexibilidade e reestruturação: o trabalho na encruzilhada. Perspectiva.* São Paulo, Fundação Seade, v. 11, n. 1, jan./mar. 1997. p. 88-97.
- CANGUILHEM, G. **Normal e patológico.** 6.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- CANGUILHEM, G. Milieu et norme de l'homme au travail. **Cahiers Internationaux de Sociologie.** Vol. III, 2.anné, France, 1947.
- CORIAT, Benjamin. **Pensar pelo avesso.** O modelo japonês de trabalho e organização. Rio de Janeiro: UFRJ/Revan, 1994.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social.** Brasília:UnB, 2001.
- FÍGARO PAULINO, Roseli A. **Comunicação e trabalho.** Estudo de recepção: o mundo do trabalho como mediação da comunicação. São Paulo: Anita Garibaldi/Fapesp, 2001.
- _____. *Recepção da comunicação no mundo do trabalho: uma crítica à ação comunicativa.* Revista **Ciberlegenda**, n. 9, 2002. (Revista Virtual da Universidade Federal Fluminense) <http://www.uff.br/mestcii/roseli1.htm>
- _____. *Atividade de Comunicação e de trabalho.* **Revista Trabalho, Educação, Saúde.** Fiocruz. Rio de Janeiro, vol. 6 n. 1, 2008.
- GARCIA-CANCLINI, Néstor. **Consumidores e cidadãos.** Conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
- GRAMSCI, Antônio. **Obras escolhidas.** São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- GRAMSCI, Antônio. **Escritos políticos.** Lisboa: [s.n.], 1977.
- HABERMAS, J. **Teoría de la acción comunicativa.** Vol I e II. Madri: Taurus, 1999.
- HABERMAS, J. **Consciência moral e agir comunicativo.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.



- HALL, Stuart. (Sovik, Liv [org.]) **Da diáspora**. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte/Brasília: UFMG/Unesco, 2003.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1994.
- HOGGART, Richard. **Utilizações da cultura**: aspectos da vida da classe trabalhadora. Lisboa: Presença, 1973.
- LACOSTE, Michele. Le langage et la structuration des collectifs. In: BENCHEKROUN, T. H., WEIL-FASSINA, A. **Le travail collectif**. Perspectives actuelles en ergonomie. Toulouse : Octares, 2000. p.55-70.
- LEONTIEV, A. **Le développement du psychisme**. Paris :Editions Sociales, 1976.
- LEOROI-GOURHAN, A. **Mécanique vivante**. Le crâne des vertébrés du poisson à l'homme. Paris : Fayard, 1983.
- LOJKINE, J. **A classe operária em mutações**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.
- LOPES, Maria I. Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **De los medios a las mediaciones**. 3. ed. México: G. Gilli, 1993.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Comunicação plural: alteridade e sociabilidade*. **Comunicação & Educação**. Ano III, n. 9, maio/ago. 1997. p. 39-48.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Lisboa: Edições 70, 1993.
- MATTELART, Armand y Michèle. **História de las teorías de la Comunicación**. Barcelona: Paidós, 1997.
- MORAES, Dênis. (org.) **Por uma outra comunicação**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso** – Uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Edunicamp, 1988.
- PERRIER, Alexandre. De la valeur-travail au travail de valeur. In: SCHWARTZ, Y. **Reconnaissance du travail**. Pour un approche ergologique. Paris:PUF, 1997.
- RANIERI, Jesus. **A câmara escura**. Alienação e estranhamento em Marx. São Paulo: Boitempo, 2001.
- ROSA, Maria Inês. **Trabalho, subjetividade e poder**. São Paulo: Edusp, 1994.
- RUAS, R., ANTUNES, E. *Gestão do trabalho, qualidade total e comprometimento no cenário de reestruturação*. **Perspectiva**. São Paulo, Fundação Seade, v. 11, n.1, jan./mar. 1997. 42-53.
- RÜDIGER, Francisco. **Comunicação e teoria crítica da sociedade**. Porto Alegre: EdIPUCRS, 1999.
- _____. **Ciência Social crítica e pesquisa em comunicação**. Trajetória histórica e elementos de epistemologia. São Leopoldo/RS:Unisinos, 2003.
- SCHAFF, Adam. **Linguagem e conhecimento**. Coimbra: Almedina, 1976.
- _____. **O marxismo e o indivíduo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967
- SCHWARTZ, Yves. *Circulações, dramáticas, eficácias da atividade industrial*. Revista **Trabalho, Educação, Saúde**. Fiocruz, 2 (1), 33-55, 2004. <http://www.revista.epsjv.fiocruz.br/>
- SCHWARTZ, Y. Entrevista Yves Schwartz. **Revista Trabalho, Educação, Saúde**. Fiocruz, v. 4 n. 2, 2006. <http://www.revista.epsjv.fiocruz.br/>



- SOUSA, Mauro Wilton. (org.) **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: ECA-USP/ Brasiliense, 1995.
- SOUZA E SILVA, Maria Cecília P.; FAÏTA, Daniel. **Linguagem e trabalho**. Construção de objetos de análise no Brasil e na França. São Paulo: Cortez, 2002.
- STIELTJES, Cláudio. J. Habermas. **A desconstrução de uma teoria**. São Paulo: Germinal, 2001.
- TRINQUET, Pierre. Travail, pluridisciplinarité, savoir investi et ergoformation. 2007.
- www.eca.usp.br/comunicacaoetrabalho
- VYGOTSKI, L.S. **Pensamento e linguagem**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- _____. **Palavras-chave**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 2. ed. Lisboa: Presença, 1992.